SJB SELECTION

CRÍTICA · BLUES

Old Love | Eric Clapton

SJB SELECTION · OUTUBRO DE 2026

Layla era o amor que ele não podia ter.
Wonderful Tonight era o amor que tinha ao seu lado.
Old Love é o que partiu, mas continua a bater à porta.

E a mulher, nos três casos, era Pattie Boyd.

Quando Eric Clapton gravou *Old Love* para *Journeyman*, o seu casamento com Pattie Boyd tinha chegado ao fim. Tinham casado em 1979 e divorciaram-se em 1989, o mesmo ano do álbum. A canção nasceu entre esses destroços, mas não soa a alguém que quer destruir o passado. Soa mais a uma tentativa de se libertar dele.

Só que alguns amores têm o mau hábito de não saber quando é hora de ir embora.

E aqui chega um dos pormenores mais marcantes de toda a história.

Anos mais tarde, Pattie Boyd disse que ouvir algo tão pessoal transformado em canção lhe doeu. E havia também uma razão muito simples: Clapton tinha podido contar a sua versão da história em público através da música, enquanto ela sentia que não podia "responder" à canção.

E, de repente, *Old Love* torna-se algo mais complicado do que uma simples canção de amor.

Porque o que estamos a ouvir é uma confissão.
Mas do outro lado dessa confissão está alguém que a viveu.

Então entra Robert Cray

E é aqui que o tema se torna ainda mais interessante.

Old Love não é creditada só a Clapton. Foi escrita com Robert Cray, que também toca guitarra no tema e participou em quatro canções de *Journeyman*.

Dois guitarristas de blues na mesma sala podiam facilmente transformar seis minutos de música numa competição.

Felizmente, isso não acontece.

A beleza de *Old Love* está no contrário: parece não haver pressa nenhuma de provar nada.

A guitarra não entra à força na canção. Espera.

Uma frase.
Uma pausa.
Uma resposta.

O fraseado torna-se quase uma conversa. Aqui, o blues não precisa de gritar para ser ouvido: pode dar-se ao luxo de falar baixo.

E quando a guitarra passa para a frente, não parece querer explicar a dor. Anda à volta dela.

Há também um pequeno paradoxo

Old Love dura cerca de 6 minutos e 25 segundos em *Journeyman* e nunca saiu como single. E, no entanto, tornou-se uma das composições mais amadas de Clapton nos seus concertos.

Em suma… nada de single, nada de pressa para chegar ao refrão, nenhuma necessidade de chegar depressa a lado nenhum.

E talvez seja exatamente por isso que funciona.

Old Love não corre para o fim. Anda à volta de uma ferida.

E depois há *Journeyman*

O álbum que guarda a canção também chega num momento particular.

Alguns críticos tinham visto o Clapton dos anos oitenta suspenso entre as suas raízes blues e um rock muito mais polido, feito para a rádio. *Journeyman* ainda tem aquele brilho de produção tipicamente oitentista, mas lá dentro o guitarrista de blues começa a ouvir-se de novo com força.

O próprio título funciona quase como uma declaração.

Journeyman.

Não o génio.
Não a lenda.
Não “Clapton is God”.

Um músico que continua a fazer o seu trabalho.

E depois de anos marcados também pelos problemas com o álcool e pela sobriedade que se seguiu, o álbum foi recebido como um regresso à melhor forma. O próprio Clapton incluiu-o entre os seus álbuns preferidos.

Mas o pormenor mais incrível é outro

No mesmo álbum que contém uma canção ligada ao fim do seu casamento com Pattie Boyd, está também...

George Harrison.

Sim, ele.

O marido anterior de Pattie Boyd.

Harrison escreveu *Run So Far* e toca no disco.

Chegados aqui, um crítico podia procurar uma metáfora sofisticada.

Não é preciso.

A vida privada do rock britânico já tinha escrito um argumento bastante complicado.

E é notável pensar no que une estas pessoas. Clapton tinha tocado em *While My Guitar Gently Weeps* a convite de Harrison; a amizade deles durou ao longo dos anos e, depois da morte de Harrison, Clapton organizou o Concert for George.

E de volta à guitarra

Porque, no fim, é aí que *Old Love* vive.

Na forma como uma nota fica suspensa.

No bend que sobe devagar, mas parece não querer chegar a lado nenhum.

Nas pausas.

No diálogo com Robert Cray.

Uma crítica recente da *Journeyman* Deluxe Edition considera *Old Love* o melhor momento do álbum, e ouve na colaboração entre Clapton e Cray o ponto de encontro entre a melodia polida e o blues pulsante.

E é uma boa definição.

Porque o som não é sujo no sentido tradicional do blues. É controlado, polido, adulto.

Mas por baixo dessa superfície calma, há algo que continua a mexer-se.

Como uma porta que não fecha bem quando lá fora está vento.

De vez em quando abre-se uns centímetros...

e o passado volta a entrar.

Talvez seja essa a verdadeira diferença entre *Old Love* e as outras grandes canções de amor de Clapton.

Layla queria ganhar alguma coisa.

Wonderful Tonight olhava para o que tinha à frente.

Old Love tenta convencer-se de que uma coisa acabou mesmo.

E o blues, claro, sabe perfeitamente que não.

A guitarra continua a voltar.

Uma frase. Uma pausa. Outra frase.

> ***Como alguém que se afasta da porta...***
> ***e depois se vira para ver se ainda está aberta.***